

Briga com a Caixa atrasou entrega dos imóveis



DURANTE a invasão, vidros dos prédios foram quebrados

O Condomínio Cidade Jardins tem ao todo 1.565 apartamentos. Foi erguido em duas etapas, com recursos da Caixa Econômica Federal (CEF). A primeira com 765 unidades; a outra, 800. Foram estes os apartamentos invadidos. Eles estavam abandonados há dois anos, de acordo com o gerente operacional André Luiz Martinele, da Cooperativa Habitacional Vivendas, proprietária do empreendimento.

Martinele explica que as unidades ficaram vazias porque houve discordância entre a Caixa Econômica Federal e a Cooperativa em relação ao valor dos imóveis. Enquanto a primeira queria cobrar a fatura do empreendimento com juros e correção monetária, a Vivendas desejava que as unidades fossem entregues aos cooperados pelo valor de mercado.

A diferença de cifras, estima-se, alcança os R\$ 8 milhões. De acordo com o gerente operacional, a Caixa quer R\$ 35 mil por cada uma das unidades. Os cooperados acham que R\$ 25 mil é o preço justo. Enquanto a pen-



ANDRÉ LUIZ, gerente da cooperativa proprietária do condomínio: "Vamos entrar na Justiça"

dença era resolvida nos gabinetes da CEF, os integrantes de outra cooperativa (Chaves) decidiram entrar no jogo e invadiram as unidades vazias. "Vamos ingressar na Justiça para retomar os apartamentos", explica Martinele.

A gerente da Área de Alienação da CEF, Tereza Ra-

quel Batista Lobo, informou que o condomínio sempre significou dor de cabeça para a diretoria da instituição. No ano passado, por exemplo, o Cidade Jardins foi vítima de um caso raro de grilagem urbana. "Muitas pessoas falsificavam documentações e vendiam unidades (da primeira etapa) que não eram delas",

informa. Inadimplência alta foi um outro problema que a instituição teve que enfrentar. Ela explicou que a CEF não tem nenhuma responsabilidade sobre o que aconteceu no condomínio porque a entidade ainda não é proprietária das 800 unidades. "A construtora não terminou as obras." (J.P.)

Todos têm a mesma história

A costureira Inês de Andrade Alves, 39 anos, estava para ser despejada da casa em que alugava por R\$ 350, em Valparaíso. Ficou sabendo da invasão e resolveu seu problema. Ontem, estava feliz, lavando o chão de "sua" nova morada, o apartamento 101 do Edifício Amor Perfeito, na rua B3, do Condomínio Cidade Jardins. Era ajudada pelo neto Tiago. "A gente não quer nada de graça, mas queremos pagar dentro das nossas condições", explica.

O repositor de supermercado Carlos Eduardo Gonçalves, 20 anos, também decidiu trocar o aluguel de R\$ 150, no Parque São Bernardo, em Valparaíso, pelo apartamento 102, do Edifício Aglória, na mesma rua do apartamento invadido pela costureira. Levou os poucos bens que possui: televisão, cama de casa, aparelho de som. Ele também quer pagar pelo imóvel, mas pede que seu contracheque seja respeitado.

A história dos dois é quase a mesma de todas as outras



INVASORES sonham em deixar de pagar aluguel

vezes o sonho da moradia. São exemplos também de que, na ausência do Estado, pessoas surgem querendo resolver o problema da moradia na marra. Inspirados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pipocaram no Brasil diversas entidades, associações, cooperativas. A maioria prega a invasão de terras públicas; algumas partem para a invasão de propriedades particulares. Foi o que aconteceu em Valparaíso. (J.P.)

vezes o sonho da moradia.

São exemplos também de que, na ausência do Estado, pessoas surgem querendo resolver o problema da moradia na marra. Inspirados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pipocaram no Brasil diversas entidades, associações, cooperativas. A maioria prega a invasão de terras públicas; algumas partem para a invasão de propriedades particulares. Foi o que aconteceu em Valparaíso. (J.P.)